

**UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS EM SALA DE AULA: UM ESTUDO EM UM  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO**

**USAGE OF SOCIAL MEDIA IN THE CLASSROOM: A STUDY IN A  
POSTGRADUATE COURSE ON INFORMATION AND COMMUNICATION  
TECHNOLOGIES**

**LA UTILIZACIÓN DEL LAS REDES SOCIALES EN EL AULA: UM ESTUDIO EN  
UN CURSO DE PÓS-GRADO SOBRE TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y  
COMUNICACIÓN**

CARNEIRO, Reginaldo Fernando  
reginaldo.carneiro@ufjf.edu.br  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
<http://orcid.org/0000-0001-6841-7695>

OLIVEIRA, Rafaela Reis Azevedo de  
rafareis2001@yahoo.com.br  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
<http://orcid.org/0000-0002-3517-0339>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar possibilidades de utilização das redes sociais em sala de aula em diferentes disciplinas escolares. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa que analisou 30 trabalhos em que os estudantes elaboraram uma proposta de utilização de redes sociais em sala de aula nas mais diferentes disciplinas. Na análise dos dados, emergiram quatro categorias de usos das redes sociais que aqui serão discutidas. Algumas propostas buscaram abordar as potencialidades da rede social, de forma a promover a aprendizagem de diferentes maneiras; contudo, outras apresentaram modos de usar a rede para a divulgação de informações ou ainda como inspiração para a elaboração de material que representaria alguma ferramenta da rede social.

**Palavras-chave:** Rede social. Tecnologia. Educação.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze possibilities of the usage of social media in the classroom in different school subjects. To this end, a qualitative research was developed in which an analysis of 30 activities was carried out in which students developed a proposal for the usage of social media in the classroom in the most different school subjects. In the data analysis, four categories of uses of social media emerged and will be discussed here. Some proposals sought to address the potential of the social media, in order to promote learning in different ways; however, others

presented ways to use the media for the dissemination of information or even as inspiration for the material elaboration that would represent some tool of the social media.

**Keywords:** Social media. Technology. Education.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar posibilidades de utilización de las redes sociales en el aula en diferentes asignaturas escolares. Por ello, ha desarrollado una investigación cualitativa en la que se realizó un análisis de 30 trabajos en que los estudiantes elaboraron una propuesta de utilización de las redes sociales en el aula en las más diferentes asignaturas. En el análisis de los datos, emergieron cuatro categorías de usos de las redes sociales que serán discutidas aquí. Algunas propuestas buscaron abordar las potencialidades de la red social, de forma a promover el aprendizaje de diferentes maneras; sin embargo, otras presentaron maneras de usar la red para la divulgación de informaciones o aún como inspiración para la elaboración de material que representaría alguna herramienta de la red social.

**Palabras clave:** Red social. Tecnología. Educación.

## 1 INTRODUÇÃO

O uso de tecnologias digitais para fins educacionais tem ganhado um espaço cada vez maior nas escolas. Se antes nos restringíamos ao uso de instrumentos e tecnologias simples, como quadro, giz, mapas, TV, DVD e *datashow*, hoje encontramos uma variedade de possibilidades que incluem plataformas e jogos de ensino virtuais, aplicativos com fins educativos e as diferentes redes sociais, como Facebook, Instagram, *blogs*, WhatsApp, entre outros.

Aceitar a chegada desses novos instrumentos e tecnologias faz parte de um esforço coletivo de inserir as escolas no século XXI. Vigoram, ainda, muitas práticas tradicionais e conservadoras de ensino, embora o público das escolas de hoje seja formado pelos nativos digitais (PRENSKY, 2001) ou pela geração Polegarzinha (SERRES, 2013). Os alunos do século XXI já crescem em meio à tecnologia, entendendo que para obter algo, chegar a algum lugar, assistir a alguma coisa, basta usar o polegar e escorregar o dedo na tela. Não é raro encontrarmos crianças ainda não alfabetizadas usando o recurso de voz de um mecanismo de busca para achar o vídeo de seu desenho favorito, de seu artista predileto.

Mas se esses são os alunos do século XXI, é facilmente perceptível que nem todos os professores que estão atuando nas escolas, hoje, estão também conectados dessa forma. Essa diferença ficou latente neste período de isolamento social

ocasionado pela pandemia do coronavírus, desde março de 2020, no Brasil. Muitos professores se viram na necessidade de desenvolver aulas *online*, produzir vídeos, fazer *chats* na Internet, sem ao menos estarem preparados para isso.

Nesta discussão, não podemos deixar de considerar que, embora as tecnologias estejam presentes em vários âmbitos da sociedade, elas ainda não fazem parte do cotidiano de muitas escolas.

Esse aspecto está em pauta nas discussões, e o Plano Nacional de Educação para a década de 2014-2024 indica estratégias para que as tecnologias possam chegar, de fato, à escola. Para Heinsfeld e Pischetola (2019, p. 7), as ações presentes nesse documento concentram-se em: “desenvolvimento, seleção, difusão e incorporação de tecnologias pedagógicas e tecnologias educacionais no cotidiano escolar; incentivo à formação continuada docente e à participação dos alunos em cursos de área científico-tecnológicas; informatização de escolas e universalização do acesso à rede mundial de computadores”.

Diversas são as políticas públicas para as tecnologias na educação, como Proinfo, Proinfo Integrado, Banda Larga nas Escolas, Um Computador por Aluno, Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, entre outras, mas efetivamente ainda não foram capazes de promover a universalização de acesso à tecnologia em todas as escolas brasileiras. Como exemplo, o Programa Banda Larga nas Escolas teve início em 2008, e os dados do censo escolar do INEP realizado em 2016 mostravam que “do total de escolas urbanas (83.278 escolas), apenas 86% delas possuem internet e 73% possuem banda larga” (CORDEIRO; BONILLA, 2018, p. 4).

Compreendemos que a questão da geração pode interferir na utilização das tecnologias pelos professores, mas há por trás desse cenário outros aspectos que causam impactos, como a falta de computadores, a falta de manutenção dos equipamentos, de acesso à internet, de *softwares* para utilizarem em suas disciplinas etc., que não podem deixar ser desconsiderados.

Foi pensando nisso que decidimos reunir, neste trabalho, alguns resultados obtidos em uma disciplina de um curso de Pós-Graduação *lato sensu* sobre Tecnologias de Informação e Comunicação para a Educação Básica, do qual participaram professores dos diferentes níveis de ensino. Nosso objetivo era analisar

as possibilidades de utilizar as redes sociais em sala de aula de diferentes disciplinas escolares e responder as seguintes questões: de que maneiras as redes sociais podem ser utilizadas na sala de aula? Quais as potencialidades e os limites das redes sociais? Realizamos uma pesquisa qualitativa e fizemos a análise de 30 propostas de atividades com usos de redes sociais, desenvolvidas em duas edições de uma mesma disciplina, que foram categorizadas em quatro eixos.

Apresentados esses breves elementos, exporemos a seguir o referencial teórico, seguido da metodologia e da apresentação dos dados. Faremos, finalmente, nossas considerações finais, buscando responder as questões apresentadas aqui.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Chegamos aos anos de 1990 com o advento e a afirmação da Internet como mecanismo de comunicação. Menos de meio século depois, podemos dizer que estamos totalmente impregnados pelo uso das tecnologias digitais no nosso dia a dia, em toda a sociedade. O banco é *online*, a diversão é *online*, a comida é pedida *online* e, em tempos de isolamento social, fomo-nos adaptando aos diferentes tipos de serviços disponibilizados também de forma remota. Tudo ao alcance de nossas mãos, nos *smartphones*, *tablets* e *notebooks*.

A geração que nasceu na década de 1990 e seguintes foi cunhada por Marc Prensky (2001) como a geração dos “nativos digitais”. Ou seja, são crianças, adolescentes e adultos dessa geração que já nasceram imersos nessas tecnologias e, portanto, dependendo do contexto sociocultural e econômico em que cresceram, apresentam muito pouca ou nenhuma dificuldade em lidar com as tecnologias.

É nesse sentido que Manuel Castells (1999) destacou as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como o novo paradigma da sociedade contemporânea, visto que elas incitam novas formas de organização social, que geram diversos efeitos em diferentes campos de nossa vida.

Para explicar o conceito de “Sociedade em rede” que Castells (1999) traz, podemos observar, por exemplo, como nos temos reorganizado nestes tempos em que uma pandemia assolou todo o planeta. Nossa socialização intensificou-se pelas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram etc.). Já que encontrar pessoalmente não

é uma opção segura e saudável, passamos a nos reunir em *chats*, conversas de vídeos para matar as saudades, comemorar aniversários e realizar reuniões de trabalho, visto que muitas empresas – graças aos avanços das TIC – puderam continuar suas atividades remotamente, via Google Meet, Zoom, WhatsApp etc.

Ainda nesse aspecto, já que não era mais possível sair para curtir um *show*, passamos a assistir às *lives* dos nossos artistas favoritos e interagir com eles por meio de mensagens deixadas em seus canais ao vivo (YouTube). Cem mil, quinhentos mil, milhões de espectadores conectados ao mesmo tempo para assistir ao mesmo artista.

Para além disso, podemos ainda citar outros campos da vida social que são afetados com as Tecnologias de Informação e Comunicação. O campo político, por exemplo, tem se mostrado bastante permeável às reações das pessoas nas redes sociais. E basta “subir” um Hashtag (#) e em questão de minutos uma ideia viraliza, alcança o destinatário e, por esse mecanismo, rumos significativos já foram mudados em nosso país. Porém, como nem tudo são flores, nessa nova organização da sociedade em rede, também há grupos que se organizam com a finalidade de gerar problemas, como ocorre com a atuação de *hackers*, criminosos virtuais. E, dentre outros aspectos negativos das TIC, destacamos as Fake News, notícias falsas. Lidar com isso também é um desafio que os novos tempos trazem para nós.

Em meio a essa nova forma de viver, um campo que nos interessa muito, embora tenha sido bastante afetado no período de isolamento social, encontrou nas tecnologias um caminho para que não precisasse parar: o campo educacional. Antes de tecermos considerações sobre o que tem sido realizado na educação de forma remota, vale aqui retomar uma discussão iniciada na introdução deste texto: a necessidade de inserir a educação no século XXI, visto que ela ainda está presa a práticas tradicionais e sem o uso dos potenciais recursos que as tecnologias podem oferecer. Concordamos, portanto, com Costa e Conceição (2016), quando destacam a necessidade de que os educadores, e incluímos aqui a instituição escolar, ampliem suas práticas pedagógicas em direção a novas metodologias de ensino e aprendizagem, que sejam capazes de apropriar-se das tecnologias de informação e comunicação de maneira crítica, consciente e, por que não, bastante criativa.

Michel Serres (2013), discutindo sobre a revolução digital, nos faz refletir sobre o que, a quem e como transmitir conhecimento a partir da evolução tecnológica que,

como já dissemos, impregna as nossas vidas, mas nem sempre chega às escolas. Atento à forma como as crianças do século XXI se comunicam, ele agrega uma nova categoria para identificar os indivíduos que nascem imersos na tecnologia: a geração “Polegarzinho(a)”.

Sem que nos déssemos conta, um novo humano nasceu, no curto espaço de tempo que nos separa dos anos 1970. Eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunica mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais da mesma natureza, não habitam o mesmo espaço. Nascidos com peridural e data programada, não temem mais, sob cuidados paliativos, a mesma morte. Não tendo mais a mesma cabeça que os pais, é de outra forma que eles conhecem. É de outra forma que escrevem. Foi por vê-los, admirado, enviar SMS com os polegares, mais rápidos do que eu jamais conseguiria com todos os meus dedos entorpecidos, que os batizei, com toda a ternura que um avô possa exprimir, a Polegarzinha, o Polegarzinho (SERRES, 2013, p. 20).

Esses Polegarzinhos são os nossos alunos, que mudam a postura do professor ou revelam a necessidade desta mudança: antes ele era o transmissor do conhecimento e agora é alguém que precisa mediar o excesso e as diferentes fontes de informação que chegam até seus alunos, sem que esses ao menos conheçam o que é um espaço repleto de livros catalogados, à disposição para realizar uma pesquisa e obter conhecimento. Como eles costumam dizer: basta “googlar” ou “dar um google”, e o conteúdo do trabalho que o professor passou horas elaborando está ali, pronto, depois de um *click*.

No que compete à mediação de excesso de conteúdo, chegamos às discussões de cibercultura de Pierre Levy (1999, p. 17), em que ele define como “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o desenvolvimento do ciberespaço”, que podemos traduzir aqui como a grande “rede” em que todo conteúdo e toda informação são disponibilizados para as pessoas. Quando se relacionam os conceitos de cibercultura com o de educação, Levy destaca as inúmeras potências que ela, a mediação, abarca, visto que o compartilhamento das informações gera uma grande inteligência coletiva, o que determina novo papel para o professor – ele é “incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos” (LEVY, 1999, p. 160). Entendemos a importância, segundo Levy, de encontrar, para esse

contexto, uma nova pedagogia, que propicie tanto a aprendizagem personalizada quanto a aprendizagem coletiva em rede.

Paiva, Toriani e Lucio (2012, p. 112) destacam que na educação estamos muito habituados a utilizar tecnologias simples, como “o quadro, o giz, os materiais didáticos, as mídias tradicionais, a imprensa falada escrita televisiva”, entre outros, mas há um universo que ainda pode ser mais explorado, como o das mídias digitais, dos jogos didáticos eletrônicos e das redes sociais, que são o foco deste trabalho. Mas como lidar com alunos que aprendem de um modo diferente daquele que o seu professor aprendeu nos bancos da universidade? A resposta não é fácil e não a traremos aqui, mas talvez seja possível, ao menos, apertar o “F5” das escolas e pensar outras práticas metodológicas para deixar nossas aulas tão interessantes quanto o “Tik Tok”<sup>1</sup> a que seu aluno não cansa de assistir. Se as Tecnologias de Informação e Comunicação compõem um novo paradigma e reorganizam a forma de nos relacionarmos, de trabalhar e viver, então, as TIC precisam, sim, entrar pela porta da frente da escola.

Compreendemos rede social na perspectiva de Lorenzo (2013, p. 21): é “uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si, em forma de rede ou comunidade. Ela pode ser responsável pelo compartilhamento de ideias, informações e interesses”.

As redes sociais na Educação podem facilitar a troca de informações e ideias que envolvam temáticas estudadas em sala de aula, o estudo em grupo, a divulgação de diferentes conteúdos, além de possibilitar o compartilhamento de vídeos, de documentos, de textos, de *websites* e de projetos (LORENZO, 2013).

Segundo Lorenzo (2013), o professor pode utilizar as redes sociais de diversas maneiras: para identificar aspectos que seriam difíceis em sala de aula, como o desenvolvimento da escrita do estudante, a busca sobre algum assunto, a argumentação etc.; para trocar experiências, realizar avaliações, apresentar informações, criar comunidades de aprendizagem, promover enquetes, esclarecer dúvidas, entre outras.

Ademais, as redes sociais podem promover, para as disciplinas escolares, situações que não seriam possíveis sem elas, fazendo com que os estudantes

---

<sup>1</sup> Aplicativo que permite criar e compartilhar vídeos curtos.

desenvolvam diferentes maneiras de aprender. Para os professores, o desafio é criar ambientes que usem essas redes para que os alunos aprendam.

Dessa maneira, concordamos com Pinto e Pereira (2016, p. 88) que “fica cada vez mais claro e imprescindível o uso das redes sociais como ferramenta pedagógica, a fim de estabelecer maior diálogo com os alunos, tratando aspectos de sua vida cotidiana como componentes essenciais do processo de ensino-aprendizagem [...]”. Os autores consideram as redes muito úteis para fomentar a aprendizagem colaborativa, mas não deixam de alertar que, quanto mais se tornam comuns, maior é o fluxo de informação que circula entre as pessoas, exigindo, portanto, que nós, professores, eduquemos nossos alunos para seu uso crítico.

Esses autores (2016) propuseram uma discussão sobre a utilização do Facebook e do Youtube em uma prática interdisciplinar para discutir questões ambientais com estudantes do Ensino Médio, buscando promover um ambiente colaborativo de aprendizagem. Os resultados do estudo evidenciaram que as redes sociais contribuíram para tornar as aulas mais agradáveis no que se refere aos conteúdos e à realização dos trabalhos propostos, pois os estudantes tiveram muita criatividade e empenho, elaborando textos originais que esclareceram os aspectos abordados.

Além disso, “o uso de redes sociais como ambiente de aprendizagem virtual, aproveitando as suas possibilidades e através de uma abordagem interdisciplinar, pode contribuir para a construção de novos conhecimentos e de forma cooperativa” (PINTO; PEREIRA, 2016, p 103). Dessa forma, esses autores ainda destacam que, com a orientação dos professores, as redes sociais podem promover um ambiente de interações e permitir a criação e o compartilhamento de conteúdos.

Em consonância com essa concepção, Costa e Conceição (2016) utilizaram a rede social Instagram para um trabalho com os conceitos de paisagem e do gênero textual crônicas, das disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa, em que os estudantes compartilharam imagens capturadas em *smartphones*. A justificativa dos autores deve-se à familiaridade dos estudantes com as tecnologias presentes dentro e fora da sala de aula, que podem criar um ambiente facilitador do processo de ensino e aprendizagem e tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas.





Essa proposta não foi desenvolvida em sala de aula, mas pode ser facilmente adaptada para diferentes contextos, e os professores podem trabalhar conteúdos tradicionais por meio de abordagens atuais e tecnológicas. Costa e Conceição (2016) também ressaltam que a utilização do Instagram via *smartphone* é uma possibilidade de minimizar a falta de computadores na escola, pois muitos estudantes têm seu celular. Os pesquisadores ainda destacam a importância de os professores expandirem suas “práticas educativas, buscando construir novas metodologias de ensino-aprendizagem, por meio de uma apropriação consciente e crítica das novas tecnologias da informação” (COSTA; CONCEIÇÃO, 2016, p. 160).

Em que pesem todos os ganhos que as práticas pedagógicas remotas ou as que se valem do uso das TIC podem proporcionar, no contexto de pandemia que estamos vivenciando, utilizá-las não tem sido uma tarefa simples e tranquila para a maioria dos professores. Mesmo aqueles ainda nascidos na década de 1990, da chamada geração dos “nativos digitais”, não foram formados ou preparados para lidar com a escola do século XXI. Boa parte das disciplinas metodológicas dos cursos de formação focam em como planejar, executar e avaliar um aluno, mas poucas têm sido as oportunidades de formar para novas metodologias, como as metodologias ativas de aprendizagem (MORAN, 2014), que, inclusive, investem de forma significativa no uso das tecnologias.

Essa lacuna na formação e o reconhecimento da importância de que as escolas e seus professores estejam conectados com esse novo mundo motivaram uma série de políticas públicas, que possibilitaram desde a instalação de laboratórios de informática nas escolas e, posteriormente, a instalação de pontos de rede de internet (RICHIT, 2014), até a criação de cursos de formação continuada de professores para o uso de tecnologias.

Foi nesse sentido que, para atender a demanda social de formação de professores, a CAPES ofertou, em diversas regiões do País, Programas de Pós-Graduação *lato sensu* em parceria com a Universidade Aberta do Brasil e as Instituições de Ensino Superior. Os trabalhos analisados aqui fazem parte dessa política de formação continuada, cujo programa de Pós-Graduação *lato sensu* – Tecnologias de Informação e Comunicação para a Educação Básica – se desenvolveu em duas ofertas, entre os anos de 2017 e 2019, na Faculdade de Educação da

Universidade Federal de Juiz de Fora, com o objetivo de formar professores para utilizar as tecnologias nas escolas. Em uma disciplina, em especial, foi possibilitado aos pós-graduandos conhecer e testar os usos das redes sociais com potenciais pedagógicos.

Esse interesse pelas redes sociais talvez possa ser empregado pelo professor para discutir e ampliar um conteúdo de sua disciplina, sem que isso venha a ser um trabalho extraturno. Mas deixamos uma questão: não consegue imaginar como? Nas páginas seguintes iremos apresentar algumas propostas desenvolvidas no curso.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Temos como objetivo, neste artigo, analisar as possibilidades de utilização das redes sociais em sala de aula em diferentes disciplinas escolares. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LÜDKE; ANDRÉ, 2014) em que analisamos atividades decorrentes de propostas para sala de aula, elaboradas pelos estudantes de uma disciplina de um curso de Pós-Graduação *lato sensu*. Eles deveriam incluir ao menos uma rede social em cada proposta, indicar o tema ou conteúdo abordado, o objetivo, o ano e o nível de ensino para o qual ela foi pensada, a rede social etc. Como suporte para os participantes, foram disponibilizados alguns textos que discutiam a utilização de redes sociais na escola.

Neste artigo, analisamos 30 dessas propostas, elaboradas pelos participantes da pesquisa em duas edições da disciplina – 12 da primeira edição e 18 da segunda. Esclarecemos que foram apenas propostas, ou seja, elas não foram desenvolvidas em sala de aula.

A análise dos dados, na perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2009, p. 44), utiliza um

conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O *corpus* de análise foi constituído pelas atividades desenvolvidas pelos estudantes que participaram da disciplina, e buscamos fazer a codificação, que



consistiu no tratamento do material de pesquisa bruto, seguindo algumas regras; e, a partir de recorte, agregação e enumeração, conseguimos chegar a uma representação do conteúdo presente nas atividades.

Durante o processo foi necessário fazer o recorte a partir da escolha de unidades – registro ou contexto. A unidade de registro é a unidade base que auxilia na categorização, e as mais utilizadas são a palavra e o tema (BARDIN, 2009). Escolhemos, nesta investigação, analisar os dados a partir da unidade de registro tema.

Assim, fizemos a leitura exaustiva dos materiais e buscamos semelhanças e diferenças nos dados, tentando classificá-los por meio de analogias segundo alguns critérios: realizamos a categorização por meio do aspecto semântico (BARDIN, 2009), ou seja, identificamos muitas aproximações com relação a diversos temas, o que fez emergir as seguintes categorias:

1) *Rede social como mudança de perspectiva*: é explorada de uma maneira que promova nos alunos uma forma diferente de aprendizagem, ou seja, ela é fundamental para o desenvolvimento das atividades, pois permite abordar de outras maneiras o conteúdo ou o tema escolhido.

2) *Rede social como pretexto*: é utilizada em sala de aula, mas as atividades propostas não necessitam dela para serem realizadas, ou seja, é como desenvolver na rede uma proposta que poderia ser desenvolvida com papel e lápis, por exemplo.

3) *Rede social como divulgação de informações*: é utilizada apenas para divulgar informações sobre temas escolhidos.

4) *Rede social como alegoria*: não se utiliza de fato a rede social, mas cria-se uma forma de representá-la em sala de aula, por meio de materiais, jogos etc., que serão usados pelos alunos.

Com base nesses caminhos metodológicos percorridos, a seguir, apresentaremos os dados e as análises.

#### **4 DISCUSSÕES E RESULTADOS**

As propostas para a sala de aula foram elaboradas utilizando seis redes sociais, e algumas dessas atividades usaram mais de uma rede, por isso, o total é maior que



a quantidade de propostas elaboradas pelos estudantes, como podemos verificar no Quadro 1. Discutiremos, neste artigo, os dados referentes à rede social mais utilizada nas propostas de atividades.

Quadro 1: Redes sociais utilizadas nas propostas

<b>Rede Social</b>	<b>Número de Propostas</b>
Facebook	15
Blog	6
WhatsApp	6
Instagram	4
Youtube	2
Edmodo <sup>2</sup>	1
<b>Total</b>	<b>34</b>

Fonte: dados da pesquisa

As disciplinas abordadas nessas propostas foram Língua Portuguesa (8), Geografia e Matemática (4), Inglês (2), Arte (2), Biologia (1), História, Filosofia e Sociologia (1), Química e Física (1), Eletrônica Geral<sup>3</sup> (1) e uma que, segundo seu autor, poderia ser utilizada em todas as disciplinas. Além disso, algumas propostas foram elaboradas abordando uma temática específica e não uma disciplina escolar. São elas: Educação Ambiental (3), Água (1), Religiões do Mundo (1), Opinião pública do jornalismo (1).

As propostas foram desenvolvidas para diferentes anos e níveis escolares: anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Duas delas, segundo os estudantes, poderiam ser utilizadas em qualquer um dos anos do Ensino Médio; uma outra poderia ser desenvolvida no segundo período de um curso técnico; e outra ainda no Ensino Médio, na Educação de Jovens e Adultos.

Para esta análise, resolvemos apresentar trabalhos que abordavam diferentes redes sociais e que compreendemos serem representativos das categorias, devido à proposta do participante da pesquisa que elaborou a atividade.

Alguns estudantes propuseram o uso das redes sociais como uma efetiva possibilidade de trabalho, pois criaram situações que não poderiam ser realizadas sem ela, ou seja, pensaram em propostas em que a rede social foi fundamental para seu desenvolvimento, de maneira que podem promover a aprendizagem dos alunos

<sup>2</sup> Mais informações em: <<https://new.edmodo.com>>

<sup>3</sup> Disciplina de um curso técnico de eletromecânica.

de diferentes formas. Intitulamos esse modo de utilização de *Rede Social como mudança de perspectiva*.

Yolanda<sup>4</sup> propôs a utilização do Facebook com estudantes do Ensino Médio, em que ela tinha como objetivo a “utilização de ferramentas da rede social Facebook para que os discentes entendam a importância dos registros feitos pela humanidade através dos tempos”. Para tanto, ela justificou essa atividade como uma possibilidade de desenvolver o senso crítico e de justiça, ao compreender a tomada de decisão de figuras importantes que aparecem no contexto das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia.

*A atividade irá sugerir que os alunos observem por, no mínimo, uma semana, a ferramenta de Recordações do Facebook, que anotem o que acharem que foi relevante lembrar, e o que eles viviam em um ou dois anos atrás que hoje não condiz com sua opinião atual sobre o assunto (Yolanda).*

A partir dessa ideia, Yolanda poderá discutir com os alunos “a importância dos registros históricos, de como é importante para cada um, para cada cidade, estado ou país, os registros dos acontecimentos para que possamos entender como chegamos onde estamos hoje em nossa economia”.

Diferentemente, Antônia elaborou uma proposta em que utiliza um *blog* para discutir questões relacionadas à Educação Ambiental com alunos de 10 a 15 anos. O objetivo era criar um Blog Ambiental Institucional com conteúdos didáticos e informativos, com dicas e demonstrações de como cuidar melhor do nosso ambiente. Nessa perspectiva, sugeriu:

*Compartilharemos fotos dos eventos realizados na escola para a preservação da natureza e também propostas práticas para usar no dia a dia em sua casa e bairro. Produziremos e postaremos vídeos educativos e conteúdos que ensinam a reutilizar produtos recicláveis, para produzir artesanato e dedicar um espaço especial no Blog para explicar pedagogicamente a prática do consumo consciente. (Antônia)*

Dessa forma, poderia “fomentar o espírito coletivo, o diálogo, a cooperação e a participação dos alunos, conseqüentemente, de forma interdisciplinar, trabalharemos

---

<sup>4</sup> Os nomes dos estudantes apresentados aqui são fictícios. As citações feitas foram extraídas dos trabalhos mencionados e, por não estarem publicados, serão apenas referenciados com o nome de cada um.

os gêneros textuais e, por fim, conscientizar as pessoas sobre a importância de preservar o nosso meio ambiente”.

A seguinte atividade foi proposta por Andreia e usou o Instagram com o apoio do WhatsApp, com o intuito de “contribuir para uma aula mais prazerosa e que envolve a interação de todos os alunos, colaborando para reflexões e, conseqüentemente, no exercício da cidadania de cada indivíduo”. Ela pretendia trabalhar com alunos do 2.º ano do Ensino Médio na disciplina de Língua Portuguesa.

Para abordar o gênero entrevista, os estudantes deveriam entrevistar diferentes pessoas sobre o tema que seria escolhido, como, por exemplo, críticas sociais, multiculturalismo, racismo, feminismo, homofobia etc. Em seguida, “o material recolhido deverá ser publicado em uma conta (criada por cada grupo) na rede social. A professora se dispõe a tirar dúvidas através do grupo de WhatsApp da turma que será criado”.

Esses trabalhos aqui analisados foram desenvolvidos em quatro redes sociais distintas (Facebook, Blog, Instagram e WhatsApp). Quando os categorizamos dentro do eixo 1 – *Rede social como mudança de perspectiva* –, o fizemos, pois, além de serem essenciais na execução das atividades propostas, eles desconstruem o objetivo inicial de cada uma das redes, ao passo que os alunos, diferentemente do que habitualmente fazem nessas redes, as acessariam, portanto, com uma finalidade educativa, observando orientações, prazos, regras, enfim, um conjunto organizado que escapa à espontaneidade com que acessam as redes sociais.

Nesse sentido, esse uso das redes sociais não apenas promove uma prática docente e de sala de aula diferente da tradicional, em que o professor utiliza apenas giz, lousa e o livro didático, mas também possibilita criar novas dinâmicas educativas, para realizar tarefas que seriam difíceis de fazer sem a rede social.

No que compete ao uso específico do Facebook com fins pedagógicos, destacamos o rompimento das fronteiras estruturais e hierarquizadas entre professores e estudantes (PINTO; PEREIRA, 2016); e a utilização da rede Instagram permite aos alunos expressarem-se por meio de narrativas visuais que dizem bastante sobre eles, sobre os lugares que ocupam e o que parece interessante aos seus olhos (COSTA; CONCEIÇÃO, 2016).



Essas propostas de utilização vão ao encontro das ideias de Lorenzo (2013), para quem a aprendizagem ocorre, principalmente, fora da sala de aula e, por isso, a importância de incluir, no ambiente das redes sociais, informações que completem o processo de informação dos estudantes.

Ainda nessa perspectiva, essas maneiras de utilização permitem ações inovadoras e outras maneiras de promover o processo de ensino e aprendizagem, e proporcionam aos atores escolares a compreensão de como os jovens estão se relacionando com a escola em tempos de cibercultura (CASTRO et al., 2012).

Essas redes sociais permitem ainda que os estudantes desenvolvam a argumentação, a criatividade e a criticidade e promovem aprendizagens individuais e coletivas. Além disso, possibilitam que eles aprendam a utilizar tecnologias para a elaboração de vídeos, por exemplo.

Entretanto, algumas propostas de atividades com as redes sociais poderiam ser desenvolvidas sem sua utilização, ou seja, usam a *rede social como pretexto*.

Nessa perspectiva, destacamos a atividade de Margarida para o trabalho com frações na disciplina de Matemática, cujo objetivo seria “desenvolver habilidades matemáticas e raciocínio lógico através de jogos online na rede social Facebook”. A proponente justifica sua escolha pela “dificuldade dos alunos em internalizarem o conceito de fração e problemas envolvendo operações lógicas”, porém não aponta quais seriam os jogos utilizados.

Helena propôs a criação de um *blog* em que trabalharia com Língua Portuguesa e Literatura, com alunos do 5.º ano do Ensino Fundamental, na elaboração do resumo de um livro e de sua ficha técnica. Sua sugestão de trabalho é fazer “uma breve explicação sobre rede social para os alunos. Iniciar a construção do *blog* para o registro do resumo do livro, sua ficha técnica e exploração dos recursos do blog. Na sequência, haveria a continuação da construção do blog e inserção dos materiais”. Nessa perspectiva, a elaboração do resumo do livro e de sua ficha técnica sugerida poderia ser realizada sem a necessidade da rede social, ou seja, é uma proposta em que o *blog* é apenas coadjuvante.

Mariana propôs uma atividade com o WhatsApp, em que buscaria incentivar e praticar a oratória em público com alunos do 9.º ano, para trabalhar a timidez. A justificativa foi que “a timidez nessa idade, a partir dos 15 anos é acentuada, por estar

passando por várias transformações, o adolescente tem uma grande tendência a se isolar em seu grupo e não interagir com outros grupos”.

Assim, a proposta seria desenvolvida da seguinte forma: a turma seria dividida em equipes, e cada aluno explanaria sobre determinado assunto, enquanto seria filmado por outro grupo. O professor criaria um grupo de WhatsApp com todos os alunos e divulgaria ali as filmagens feitas em sala, para todos observarem o desempenho de seus colegas. Depois disso, seria realizada uma análise da apresentação dos alunos em sala de aula.

Estes últimos trabalhos aqui relatados se valeram de três redes: o Facebook, o Blog e o WhatsApp. Foram categorizados no eixo 2 – *Rede social como pretexto* –, pois, como já apresentamos na metodologia, são atividades que seriam realizadas facilmente fora das redes sociais. A compreensão da proposta, nesses casos, foi baixa, visto que elas não cumpriram o objetivo de realmente pensar essas redes com fins educacionais, embora as redes sociais tenham desempenhado algum papel, como permitir o acesso aos jogos no Facebook no trabalho com a Matemática da professora Margarida, expor o resumo dos livros e de sua ficha técnica na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura de Helena e também na proposta de Mariana de trabalhar com a timidez, pois essas atividades podem promover aprendizagens, a troca de experiências entre os alunos, o desenvolvimento da escrita e o esclarecimento de dúvidas sobre os temas. Cumpre dizer, ainda, que há propostas que poderiam, inclusive, gerar efeito reverso ao objetivo que foi apresentado, como o caso da professora Mariana.

Assim, nessa forma de utilização das redes sociais, elas podem facilitar o desenvolvimento de alguma atividade ou ainda motivar os estudantes, pois usarão um recurso pouco comum em sala de aula, mas ao qual muitos alunos têm acesso, pois fazem parte de alguma comunidade virtual. Entretanto, existem limites que podem ser observados nas propostas apresentadas por usarem as redes sociais apenas como pretexto.

Podemos ponderar também que, por ser a primeira vez que os estudantes do curso de Pós-Graduação elaboraram atividades com as redes sociais, podem não ter conseguido enfatizar todo o potencial desses recursos tecnológicos para a sala de aula. Contudo, para Borba e Penteadó (2001), se os professores não tiverem essas



oportunidades em cursos de formação, não farão uso delas ou ainda as utilizarão superficialmente.

Essa primeira experiência dos professores com as redes sociais pode despertar o interesse por utilizá-las, de fato, em sua prática docente, pois é preciso criar ambientes em que eles conheçam e nos quais utilizem as diferentes tecnologias, de acordo com a forma como se espera que atuem em sala de aula (MERCADO, 2002). E foi isso que buscamos nas disciplinas desse curso de Pós-Graduação *lato sensu*.

Também encontramos propostas de atividades que tomam a *Rede Social como divulgação de informações* e que tiveram como objetivo divulgar informações sobre diferentes temáticas.

Ana Carolina apresentou uma proposta em que seria criado um *blog* para “tratar sobre as questões ambientais, sensibilizando, principalmente, a comunidade escolar sobre a sua responsabilidade no Planeta Terra”. Essas atividades seriam desenvolvidas com alunos do Ensino Médio. Os alunos assistiriam a vídeos e produziram textos e vídeos que seriam disponibilizados na rede social. Assim, a proposta seria “criar um *blog* relacionado à conscientização ambiental e divulgá-lo para a comunidade escolar. O endereço do blog será divulgado no jornalzinho” da escola.

Rosana escreveu uma proposta para as aulas de Inglês, abordando o tema do *Halloween*, mas não indicou o ano escolar em que desenvolveria essa atividade. A proposta sugere a criação de um grupo no WhatsApp para decidirem juntos sobre quais temáticas iriam abordar no trabalho – por exemplo, a origem dessa festa, os costumes, as figuras e personagens etc. Segundo Rosana, “o meu papel como professora seria de mediadora – discutiria com todos sobre as propostas a fim de orientá-los na construção conjunta do conhecimento sobre o tema. Toda a prática foi apresentada e discutida pelo WhatsApp”.

Jailson elaborou uma atividade usando o Instagram para abordar domínios morfoclimáticos do Brasil com alunos do 7.º ano do Ensino Fundamental. Seu objetivo era “identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos do território brasileiro; descrever as características dos domínios morfoclimáticos brasileiros e; compreender de que maneira a ação antrópica afetou e vem afetando os biomas brasileiros”. A ideia

seria o professor criar um perfil na rede para abordar o conteúdo e fazer divulgação dos trabalhos dos alunos.

Os diversos trabalhos identificados na categoria de análise 3 – *Rede social como divulgação de informações* – variaram mais nos usos das redes sociais: Facebook, Instagram, WhatsApp, Blog e YouTube. Contudo, esses apresentados nesse último bloco tiveram o uso da rede social bastante limitado, visto que as redes não seriam utilizadas como ferramentas pedagógicas, mas para divulgação das ações realizadas na sala de aula e nas escolas.

Importa dizer que essa é também uma dimensão importante, pois vocaliza e torna públicas ações bastante interessantes, que poderão alcançar de forma educativa os familiares de seus alunos, que também estão nas referidas redes sociais. A escola também pode contribuir com essa função, mas, pedagogicamente falando, o uso das redes, nesses trabalhos, poderia ser melhor potencializado, se fosse além da divulgação de informações.

Novamente aqui temos aspectos importantes que perpassam as atividades propostas pelos participantes da pesquisa, como a produção de textos e vídeos, que podem: desenvolver a escrita e o uso de tecnologias por parte dos alunos; levá-los a conhecer e aprender mais sobre a festa do Halloween; e também conhecer os domínios morfoclimáticos brasileiros. A partir disso, julgamos essas tarefas importantes para eles.

Além disso, a abordagem, por meio das redes sociais, desses conteúdos que muitas vezes são introduzidos em sala de aula somente com o livro didático, pode despertar o interesse dos alunos, fazendo com que eles se empenhem mais e tornando as aulas mais dinâmicas e agradáveis (PINTO; PEREIRA, 2016).

Por fim, Suzana fez uma proposta em que buscou incentivar numa turma do 3.<sup>o</sup> ano do Ensino Médio a “reflexão crítica dos alunos sobre as informações socializadas em redes sociais por meio de uma abordagem diferenciada e atual”, além de usar o Facebook como “recurso didático para auxiliar a compreensão de conteúdos correlatos à Biologia, bem como, contextualizá-lo. Com esse intuito, sugeriu a elaboração de um material que simularia o Facebook. Segundo ela, “a opção de produzir o material didático e simular o ambiente da rede social Facebook, possibilitará

contemplar situações e realidades escolares onde não possua recursos audiovisuais ou acesso à internet para seu pleno desenvolvimento”.

Nessa perspectiva, a rede social não foi utilizada. Assim, compreendemos que é a perspectiva da *rede social como alegoria*, pois a participante criou um material que simulava o Facebook e que seria utilizado com os alunos. Contudo, há de se considerar a proposta interessante, embora a rede social tenha servido apenas como inspiração.

Seria interessante se Suzana tivesse indicado em seu trabalho o motivo de não usar o Facebook – por exemplo, a falta de acesso à Internet na escola ou o fato de os alunos não terem *smartphones* –, pois dessa maneira estaria promovendo o contato deles com uma rede social e fazendo com que aprendessem como funciona essa rede.

Cumpramos ainda dizer que, ao observarmos propostas em que as redes sociais são apresentadas apenas como alegorias, o que fica para nós é a importância de que os professores se formem cada vez mais para usos mais críticos e pedagógicos dessas plataformas digitais. Segundo Lima (2011), as redes sociais podem ser muito mais do que um instrumento tecnológico, pois, quando sabemos ressignificá-las em uma proposta educativa mais efetiva, encontramos nelas práticas pedagógicas criativas, significativas e até mesmo interdisciplinares.

Assim, novamente destacamos a importância do curso de Pós-Graduação *lato sensu*, que se preocupou em oferecer aos professores esse conhecimento. De alguma forma, ao elaborarem a atividade em que abordaram as redes sociais, eles se colocaram no movimento de reflexão sobre suas possibilidades e limites.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentadas as análises dos trabalhos, podemos perceber que o uso efetivo das redes sociais como um recurso pedagógico ficou restrito ao grupo apresentado no eixo 1 – *Rede social como mudança de perspectiva*. Os professores souberam, a nosso ver, captar o que a rede poderia oferecer de possibilidade para se entrelaçar na sua atividade pedagógica. Os usos das redes sociais seriam, portanto, ressignificados pedagogicamente.



Os trabalhos apresentados no eixo 3 – *Rede social como divulgação de informações* – podem ser mais amplamente identificados nas práticas docentes. Eles envolvem, em alguma medida, as redes sociais, mas o fazem de forma limitada, não explorando suas potencialidades.

Outras propostas, como aquelas apresentadas nos eixos 2 – *Rede social como pretexto* – e eixo 4 – *Rede social como alegoria* – demonstraram uma possível falta de prática e de conhecimento das redes sociais, bem como de uso das tecnologias, fazendo com que as propostas apresentadas não alcançassem com tanto êxito o objetivo da atividade solicitada na disciplina.

Não podemos deixar de ponderar a respeito do tempo de realização dessa atividade que aqui foi representada pelas propostas analisadas. Tendo sido desenvolvida no primeiro bimestre do curso, com uma carga horária total de 30 horas, em uma disciplina desenvolvida no curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias de Informação e Comunicação para a Educação Básica, não houve um tempo significativo para que os alunos pudessem desenvolver o resultado de suas propostas e avaliar sua funcionalidade, seus sentidos e, ainda, repensá-los de forma a torná-las significativas ou ainda mais potentes. No contexto do curso, eles puderam dar continuidade a propostas como essas ou elaborar outras, mas entendíamos, naquele momento, que solicitar uma atividade como essa aqui narrada era uma importante iniciativa para conhecer, refletir e pensar sobre projetos educativos que envolvessem as redes sociais.

Essas redes, trazidas para o uso pedagógico, foram também pensadas, no contexto do curso, como ferramentas potenciais para introduzir os participantes no universo das TIC, visto que elas são amplamente conhecidas e utilizadas tanto pelos professores quanto pelos alunos, o que consideramos que geraria um pouco menos de ansiedade ou medo, pois as tecnologias ainda são um tabu para muitos docentes, os quais, podemos dizer, compõem um quadro de “transeuntes digitais”. Brincando com o termo de Prensky (2001), eles podem não ser nativos, mas estão nesse movimento de transitar pelas tecnologias.

Dialogando com o contexto de pandemia x educação remota que estamos vivendo, não podemos deixar de lembrar, para ilustrar o que mencionamos antes, um

episódio<sup>5</sup> que viralizou nas redes sociais. Mediante a necessidade de dar aulas *online*, uma professora de matemática de uma escola privada de Recife, regente de uma turma do 1.º ano do Ensino Médio, chorou durante a sua aula *online*, ao perceber que o material que ela havia preparado durante quatro dias havia se perdido. O microfone não funcionava, sua imagem aparecia por duas câmeras e ela não conseguia expor os *slides*. Felizmente, os alunos foram muito carinhosos e ofereceram palavras de apoio para a professora, que também foi auxiliada pelos demais colegas e pela direção da escola, ao tomarem ciência do que havia acontecido.

Como essa professora, muitos outros docentes estão passando por situações semelhantes nesse período, tendo que utilizar aplicativos, plataformas de ensino e de reuniões, gravar videoaulas, entre outras tarefas, sem o devido conhecimento para isso. Essa situação reforça a necessidade de organizar a formação de professores, seja em nível inicial ou continuada, a fim de que contemple as reflexões e as práticas dos usos de Tecnologias de Informação e Comunicação.

Elas não são úteis apenas para períodos como esses, elas são necessárias para alcançar esses alunos, que, diferentemente de muitos professores, dominam as tecnologias e se interessam muito mais por elas que pelo conteúdo “duro” da escola, para alcançar as demandas da sociedade e as expectativas que ela deposita na formação de suas crianças e jovens – e, finalmente, para trazer a escola para o século XXI.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. *Informática e educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, R. I. *et al.* Sobre o uso das redes sociais no ambiente escolar: Twitter, um questionamento a propósito da possibilidade de interação no ensino/aprendizagem.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/professora-videoaula-emocao-carinho-alunos/>>

In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., Lisboa, Portugal, *Anais...* Lisboa, Portugal, 2012.

CORDEIRO, S. F. N.; BONILLA, M. H. S. Educação e tecnologias digitais: políticas públicas em debate. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 5., Passo Fundo, 2018. *Anais...* Passo Fundo, 2018. p. 1-10.

COSTA, D.; CONCEIÇÃO, R. B. Crônicas visuais: uma proposta interdisciplinar com a utilização da rede social Instagram. In: MATTOS, F.; COSTA, C. S. (Org.). *Tecnologia na sala de aula em relatos de professores*. Curitiba: CRV, 2016. p. 149-162.

HEINSFELD, B. D.; PISCHETOLA, M. O discurso sobre tecnologias nas políticas públicas em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p. 1-18, jul. 2019.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, L. C. C. *Análise das práticas docentes de planejamento e mediação em redes sociais no ensino médio*. 2011. 146p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2011.

LORENZO, E. W. C. M. *A utilização das redes sociais na Educação: importância, recursos, aplicabilidade e dificuldades*. Rio de Janeiro: Editora Clube de Autores, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2014.

MERCADO, L. P. L. Formação docente e novas tecnologias. In: MERCADO, L. P. L. (Org.). *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002. p.11-28.

MORAN, J. M. A integração das tecnologias na educação. In: MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2014. p. 89-90.

PAIVA, R.; TORIANI, S.; LUCIO, V. R. Formação docente para o uso das tecnologias digitais. In: SILVA, E. L. *Mídia-educação: tecnologias digitais na prática do professor*. Curitiba: CRV, 2012. p. 1-12.

PINTO, L. F. C.; PEREIRA, P. V. S. O uso das redes sociais como ferramenta pedagógica interdisciplinar para a educação ambiental. In: MATTOS, F.; COSTA, C. S. (Org.). *Tecnologia na sala de aula em relatos de professores*. Curitiba: CRV, 2016. p. 87-108.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. *On the horizon*, MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

RICHIT, A. Percursos da formação de professores em tecnologias na educação: do acesso aos computadores à inclusão digital. In: RICHIT, A. *Tecnologias digitais em educação: perspectivas teóricas e metodológicas sobre formação e prática docente*. Curitiba: CRV, 2014.

SERRES, M. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

*Recebido em: 19/08/2020.*

*Aprovado em: 02/02/2021.*